

O DIA SEGUINTE

Luis Eduardo Matta



PRÓLOGO

ANTÔNIO NÃO SE LEMBRAVA DE TER VISTO A MÃE tão angustiada como naquela manhã. Ele sabia muito bem a razão — afinal, há pouco mais de um mês partilhavam a mesma agonia. Mas agora a aflição de Leila havia atingido um grau insuportável e estava tão visível em seu rosto abatido, que Antônio se perguntou se as muitas pessoas que passavam por eles não estariam notando. Os dois caminhavam lado a lado, em passos lentos, porém duros. Antônio tentava aliviar o clima pesado, falando amenidades.

— Será que o *sen* Yaakov vai achar ruim se eu for com você? — ele perguntou, casualmente.

— Não é “*sen* Yaakov”, querido. É “sr. Zilberman”. Aqui nos Estados Unidos tratamos as pessoas pelo sobrenome e não pelo primeiro nome, como fazemos no Brasil.

— Tudo bem. — Antônio deu de ombros. — Mas é por causa dele, do “sr. Zilberman”, que você não quer que eu tome café da manhã com vocês?

— Não. Não é por causa dele. É que não é um momento apropriado — respondeu Leila, fazendo um carinho de leve no cabelo do filho. — A reunião vai ser demorada e muito tensa. Você vai achar uma chatice.

— Mas eu queria tanto conhecer esse restaurante... Já me disseram que a vista de lá é linda...

— E é mesmo. Por que não almoçamos lá mais tarde? A reunião não deve durar mais do que duas horas. — Ela conferiu o horário no relógio de pulso, um caríssimo Cartier de ouro. — E ainda são oito e vinte. Vai dar tempo de sobra.

Os dois tinham acabado de deixar o hotel Marriott e não precisaram passar pela rua para se dirigir ao *lobby* da Torre Norte, já que um acesso interno ligava os dois prédios, entre os sete que formavam o complexo do World Trade Center, no extremo sul da ilha de Manhattan, em Nova York.

Leila e Antônio haviam chegado ontem de São Paulo, onde moravam. Dormiram pouco, por causa da expectativa da reunião e das revelações que Yaakov Zilberman iria fazer sobre o seu marido.

Alcançaram a Torre Norte. Antônio correu os olhos pelo *lobby* amplo, elegante e claro. A luz natural en-

trava generosa pelas fileiras de altas vidraças que circundavam o espaço. O dia glorioso de verão do lado de fora convidava a um passeio pela sedutora e trepidante metrópole.

Havia um grande movimento de pessoas no *lobby*. A maioria chegando apressada para trabalhar nos escritórios espalhados pelos mais de cem andares do edifício. Antônio olhou para a mãe. Ela estava muito bem-vestida, discretamente perfumada e maquiada e com o cabelo escuro bem-arrumado. Sentiu orgulho dela. E, naquele instante, percebeu que ele, também, estava muito ansioso.

É claro que ele desejava observar a cidade lá do alto, mas a razão pela qual ele queria subir era outra: era acompanhar a mãe, era estar ao lado dela naquelas horas que prometiam ser difíceis. Depois do desaparecimento do pai, ele e Leila praticamente só tinham um ao outro. Ele se sentia impotente por não poder oferecer mais à mãe, que sofria em silêncio e estava enfrentando, sem o apoio de ninguém, uma crise muito, mas muito grave. Uma crise que parecia ameaçar o futuro deles.

Antônio sonhava em reencontrar o pai, mas, naquele momento, só pensava na mãe, bem ali à sua frente. Tinha medo que ela não conseguisse aguentar a pressão pela qual vinha passando. Tinha medo que ela acabasse sendo alvo da vingança de alguém incomodado com a investigação que o pai vinha empreendendo por conta própria e que, um mês atrás, o levava a Nova York.

Tinha medo, muito medo de perdê-la. Ela era a sua família. Como conseguiria viver, se ela desaparecesse para sempre?

Volta e meia esses pensamentos lhe vinham à cabeça e Antônio tratava de afastá-los na hora. Era o seu maior medo. Mas a mãe estava bem ali à sua frente, viva e saudável. Aquilo o deixou mais calmo.

Seria, apenas, uma reunião, afinal. E num lugar público. Nada de mau poderia acontecer.

— Por que você não volta para tomar o café da manhã no hotel? — Leila perguntou. — Tem um bufê lindo lá, coisas deliciosas para comer...

— Acho que vou dar uma volta. Não vim a Nova York para ficar preso num hotel. Vou andar aqui por perto e descobrir um lugar legal para comer um *bagel*. — Antônio tinha assistido, semanas atrás, a um filme onde um personagem saboreava um *bagel* de cebola e, desde então, estava fissurado na ideia de experimentar um.

— Me encontre aqui no *lobby* ao meio-dia para subirmos para almoçar no Windows on the World. Vou deixar reservada uma mesa perto da janela.

Os dois se abraçaram, um abraço apertado, forte, cheio de afeto. Com lágrimas nos olhos, Leila disse a Antônio:

— Eu te amo, meu filho. Torça por mim na reunião. E vá com cuidado.

— Eu também te amo, mamãe. Boa sorte.

Antônio viu Leila se afastar para tomar o elevador. Ele não podia imaginar que nunca mais veria sua mãe.

Era 11 de setembro de 2001 — o relógio marcava 8:29 quando Antônio deixou o prédio para a claridade da manhã de Nova York. O céu exibia um azul intenso. A temperatura era gostosa. Saiu sem rumo pela Rua Oeste, já tomada por veículos naquele horário, e dois quarteirões adiante percebeu que havia se esquecido de trazer dinheiro. O jeito era voltar ao hotel para apanhar. O *bagel* teria de esperar um pouco mais.

Leila Wassouf acelerou o passo, ouvindo os saltos dos seus sapatos estalarem sobre o piso reluzente de granito cinza do *lobby*. Torcia para que o filho não tivesse percebido o seu desespero. Ele tinha 14 anos. Um adolescente. Mas, para ela, ele seria para sempre uma criança.

O fato é que ela estava tensa.

Muito tensa.

A cada minuto mais tensa.

No dia 8 de agosto — pouco mais de um mês atrás — seu marido, Farid, desaparecera. Desde que viajara a Nova York para participar de uma reunião similar à que ela teria em instantes. Com o mesmo homem que a aguardava para aquele inusitado café da manhã.

Ela acreditava que o marido estava morto. O homem lá em cima, que já devia estar à sua espera, afirmava que não. Que aquilo não era possível.

Os dois eram sócios na Wazimed, firma binacional que tinha duas sedes — uma em Nova York, instalada naquele prédio, e outra no Brasil, que funcionava no décimo-quinto andar do World Trade Center de São Paulo.

A Wazimed — cujo nome misturava as duas primeiras letras dos sobrenomes dos dois sócios (Wa e Zi) — era uma empresa de comércio e distribuição de vitaminas, remédios fitoterápicos e suplementos alimentares entre os Estados Unidos e a América do Sul e representava com exclusividade vários laboratórios e fabricantes. A maioria dos produtos era exportada dos Estados Unidos, mas o Brasil também vendia produtos para os americanos, como fibras de frutas, gérmen de soja, guaraná em pó e cápsulas de acerola e de maracujá, entre outros.

Alguma coisa errada estava acontecendo na empresa. Seu marido havia comentado. Por isso ele viajara. E, muito provavelmente, por isso ele sumira.

Agora ela estava ali, a poucos minutos de saber de toda a verdade.

Leila tomou um elevador expresso para o *lobby* intermediário, no 78º andar — conhecido como *Sky Lobby* —, e em seguida, seguiu num segundo elevador até o 107º andar, o último da Torre Norte, onde ficava o Wild Blue, o mais exclusivo e charmoso espaço do Windows on the World.

Yaakov Zilberman a aguardava numa mesa, de onde se tinha uma estupenda vista do rio e da Estátua da Liberdade. Leila foi cordialmente recebida por uma das gerentes do estabelecimento, que a conduziu até a mesa.

Yaakov levantou-se e abotoou o paletó para receber Leila, num gesto respeitoso. Ela se sentou em frente a ele.

— Vamos direto ao ponto, Yaakov — Leila disse, em inglês. — O que aconteceu com Farid?

O semblante de Yaakov era o de um homem preocupado. Ele parecia estar sendo sincero.

— Foi por isso que a chamei aqui. Precisamos conversar. Estamos com um problema sério na firma. Andei investigando e... Bem, e foi por isso que Farid desapareceu.

Leila estava assustada.

— O que você descobriu?

Yaakov apontou para um garçom, de pé pouco atrás dela.

— Não quer fazer o pedido antes?

— Estou sem fome. Vamos, Yaakov, você está querendo me dizer o quê? Que Farid descobriu o que estava acontecendo e por isso foi morto? Ou está insinuando que ele é o responsável por esse problema na firma?

Yaakov olhou casualmente pela janela, sem ver que um avião se aproximava perigosamente do prédio.

— Leila, eu marquei o nosso encontro aqui no Windows, porque o escritório não é um lugar seguro. É muito possível que haja escutas eletrônicas. E acredite em mim: foi o Farid que...

Ele não completou a frase. De repente, todo o andar foi furiosamente sacudido, como um veículo que acaba de ser atingido em alta velocidade na traseira por um outro, maior. O impacto arrancou Leila e Yaakov das suas cadeiras com violência e arremessou-os no chão.

Eram 8:46. O inferno havia começado.